Revista Iberoamericana de Salud y Ciudadanía,
Vol. III No. 1 & 2, Enero - Junio/**Julio - Diciembre**, 2014
ISSN 2182-4185

REPENSAR O BDSM PARA ALÉM DA DOR: SADOMASOQUISMO E DIREITOS SEXUAIS

Ana Mafalda Mota
Mestre em Psicologia do Comportamento Desviante e Sistema da Justiça
Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto
anamafalda.vmota@gmail.com

Alexandra Oliveira
Mestre e Doutora em Psicologia
Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto
oliveira@fpce.up.pt

Resumo

O BDSM tem sido associado a representações *patologizantes*. Contudo, este é um fenómeno complexo que não é compreensível através de visões simplistas.
Neste artigo, apresentamos uma investigação, conduzida em Portugal, cujos objetivos foram dar voz os atores do BDSM e aceder aos seus significados e motivações. Concluímos que o comportamento BDSM não é homogéneo e que inclui uma variedade de dinâmicas e de identidades que resultam de uma construção pessoal e social. O BDSM também não se encerra nos equívocos veiculados pelo discurso médico-psiquiátrico sobre extrema dor, devendo ser entendido como uma fantasia, criadora de novas possibilidades de satisfação erótico-sexual. Por fim, as representações sociais detidas sobre o BDSM conduzem à estigmatização dos praticantes, colocando em causa os seus direitos.
Julgamos que a nossa visão despatologizante, pode fornecer uma visão do BDSM como manifesto de um princípio básico de autonomia sexual, conferindo o reconhecimento de uma cidadania assente na diversidade sexual.

Palavras-chave: BDSM; Sadomasoquismo; Sexualidade; Diversidade Sexual; Direitos Sexuais

RECONSIDERAR EL PLANTEAMIENTO DEL BDSM MAS ALLÁ DEL DOLLOR: SADOMASOQUISMO Y DERECHOS SEXUALES

Resúmen
El BDSM está asociado con una respresentación patológica. Con todo esto, es un fenómeno complejo que no es comprensible a través de las visiones simplistas.
En este artículo presentamos una investigación, contenida en Portugal, cuyos objetivos son dar voz a los agentes del BDSM y acceder a sus motivaciones.

Concluimos que el comportamiento del BDSM no es homogéneo y que incluye una variedad de dinámicas y entidades que resultan de una construcción personal y social. También concluimos que el BDSM no se encierra en discurso médico-psiquiátrico sobre el dolor extremo, debiendo ser entendido como una fantasía creadora de nuevas posibilidades de satisfacción erótico-sexual. Al final las representaciones sociales obtenidas sobre el BDSM conducen a una estigamatización de los practicantes.
Constatamos que nuestra visión despatologizante puede fortalecer una visión del BDSM como manifiesto de un principio básico de autonomía sexual, confiriendo y reconociendo como parte de la ciudadanía su diversidad sexual.

Palabras-clave: BDSM; Sadomasoquismo; Sexualidad; Diversidad sexual; Derechos sexuales.

RETHINKING BDSM BEYOND PAIN: SADOMASOCHISM AND SEXUAL RIGHTS

Abstract
BDSM has been associated with pathological representations. However, this is a complex phenomenon that isn't understood by the reductive and simplistic views.
We present the conclusions of an investigation, conducted in Portugal, whose main goals were give voice to practioners of BDSM and know their motivations.We conclude that the BDSM behaviour is not homogenous and includes a variety of dynamics and identities, resulting from a personal and social construction that can be experienced in different ways. BDSM also doesn't end in the popular misconceptions about extreme pain and should be understood as a fantasy that creates new possibilities of sexual satisfaction. Finally, the social representations held on the of BDSM lead to practitioners stigmatization.
We believe that this comprehensive approach can contribute to a broader view of sexualities and can provide an insight vision into the practice of BDSM as a manifest as a basic principle of sexual autonomy and self-determination.

Key-words: BDSM; Sadomasochism; Sexuality; Sexual Diversity; Sexual Rights

INTRODUÇÃO

Quando se ouve falar em sadomasoquismo é quase inevitável a existência de referências depreciativas muito centradas na associação com a doença mental. Embora atualmente se assista a uma proliferação da imagética associada a este fenómeno (por exemplo, na publicidade ou nos vídeos da indústria

fonográfica), esta, ao invés de produzir uma nova narrativa, centra-se em representações *patologizantes* sérias ou humorísticas, uma visão disciplinadora e de defesa das normas sociais (Billig, 2005 *cit in* Barker & Langdridge, 2009). Estas ideias, embora estereotipadas, encontram-se, de certa forma, fundamentadas nas abordagens científicas que se desenvolveram desde o século XIX, a partir da linha de pensamento de Krafft-Ebing com a sua "medicalização do pecado" (Haeberte, 1990 *cit in* Nobre, 2006), e que continuam a ser perpetuadas pelas nosologias médico-psiquiátricas.

O que tem sido descrito de forma simplista por sadomasoquismo inclui uma diversidade de práticas que vão além dos dois comportamentos que esta palavra encerra: sadismo e masoquismo. Assim, por considerarmos o termo sadomasoquismo redutor, optamos por utilizar a sigla BDSM, um acrónimo de Bondage, Disciplina, Dominação e Submissão e Sadomasoquismo, fazendo a distinção entre as suas diferentes componentes, a saber: (a) Bondage e Disciplina (B/D): envolve a retenção física e/ou representações de dinâmicas de poder, (b) Dominação e Submissão (D/s): inclui uma variedade de comportamentos sexuais que envolvem troca de poder consensual entre parceiros; e (c) Sadismo e Masoquismo (S/M): comportamentos e atividades sexuais que incluem experiências sensoriais, envolvendo dor ou ameaça de dor física ou psicológica.

Todavia, delimitar o conceito de BDSM não é simples uma vez que se encontra uma multiplicidade de definições que nos remetem para diferentes conceções do fenómeno e que incluem dominação/submissão, o *role playing*, a consensualidade, o contexto sexual, a imposição da dor, a humilhação deliberada, a restrição física, o uso de fantasias e a troca de poder (Weinberg, Williams & Moser, 1984 *cit in* Weinberg, 1987; Barker, 2007). Portanto, subjacente a estas definições existe uma variedade de comportamentos sexuais que são experienciados pelos parceiros como geradores de prazer (Rye & Meaney, 1987), permitindo que os participantes aufiram da troca de poder e controlo. De facto, para alguns autores (e.g. Dancer Kleinplatz & Moser, 2006; Freeman, 2008; Langdrigde & Butt, 2005) e praticantes, a essência do BDSM está na erotização da troca de poder (Foucault, 1984)

assente na dominação pelo *top* e na submissão do *bottom* e a dor é apenas um meio para atingir essa troca. Nos últimos anos, alguns autores têm tentado uma definição mais ampla, não cingindo o BDSM às práticas, mas estendendo-o à erotização do corpo e do potencial erótico (Thompson, 1994 *cit in* Plante, 2006) e a uma noção mais alargada enquanto estilo de vida, não se encerrando nas práticas sexuais e estendendo-o a aspetos não sexuais.

Apesar de estas definições e grelhas de leitura tenderem a afastar-se da associação com a patologia mental e de existirem evidências empíricas que sustentam que os praticantes de BDSM não são mais desajustados do que a população em geral (e.g. Baumeister, 1988; Cowan, 1982 *cit in* Garrot, 2008; Haymore, 2002; Levitt, Moser & Jamison, 1999 *cit in* Nichols, 2006; Moser & Levit, 1987; Scott, 1983 *cit in* Ernulf & Innala, 1995; Spengler, 1977), nem mais autodestrutivos nem autopunitivos do que não praticantes (Stoller, 1991) e que as medidas de doença mental não diferem entre praticantes e não praticantes (Cross & Matheson, 2006), o sadismo e o masoquismo continuam a figurar e a ser classificados como perturbações mentais, como por exemplo, no DSM-IV-TR (2000), na categoria das parafilias.

A nova versão do DSM-V, que sairá no decorrer do ano de 2013, pretende manter estes comportamentos classificando-os sob a denominação de “desordens parafilicas” (Keenan, 2013). Os riscos de manutenção desta categoria no DSM são sérios: desde logo, a desadequação das práticas de psicoterapia ao desviar o foco da atenção clínica das questões realmente problemáticas para o cliente, mais ainda, a estigmatização e consequente mal-estar e isolamento social, uma vez que um comportamento não convencional ou forma de sexualidade não normativa, é analisada como um desvio psicopatológico (Oliveira, 2011). A patologização também tem impacto na visão do Estado sobre o fenómeno, e logo, na legislação e no sistema legal (Langdridge, 2006), assim como pode constituir um entrave à cidadania.

Algumas investigações recentes procuraram dar voz aos praticantes de BDSM contrariando a construção do sujeito psico-médico sadomasoquista que foi feita nos últimos anos (Langdridge, 2006). Estas investigações permitiram dar visibilidade aos actores, normalizando as suas práticas e fornecendo visões

positivas do BDSM (Oliveira, 2011). Do mesmo modo, neste artigo, apresentamos uma investigação, conduzida em Portugal em que, recorrendo a métodos qualitativos, como a entrevista e a observação, procuramos compreender os atores do BDSM e os seus comportamentos, a partir do seu ponto de vista.

METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO

A investigação que agora apresentamos teve como principal objetivo incrementar os conhecimentos sobre o fenómeno do BDSM. Para atingir esta finalidade, tomamos como linhas orientadoras o estudo dos seguintes temas: (1) Caracterização dos atores, nomeadamente no que concerne às características sóciodemográficas, à forma como se veem e ao papel que desempenham nas interações de BDSM; (2) Motivações associadas ao seu envolvimento nas práticas de BDSM; (3) A natureza das relações ou interações estabelecidas entre praticantes e (4) Perceção da reação social ao fenómeno pelo exogrupo e implicações desta na vida psicológica. Em síntese, trata-se de examinar criticamente os discursos dominantes sobre o objeto e pôr a investigação científica ao serviço da desocultação de uma minoria erótica silenciada.

A metodologia de investigação utilizada foi a qualitativa, uma vez que, quando se procede ao estudo de práticas e comportamentos que sobrevivem na invisibilidade, dado o seu carácter de transgressividade perante a norma, as suas estratégias são formas privilegiadas de encetarmos a aproximação aos contextos naturais de vida onde o desvio ocorre e, portanto, de captar os aspetos da realidade que não são quantificáveis nem manipuláveis estatisticamente (Romani et al., 1986 *cit in* Fernandes, 1989). Quisemos conhecer o fenómeno de "dentro para fora" segundo a perspetiva dos atores sociais para que pudéssemos compreender e interpretar o fenómeno a partir dos seus significantes. Além disto, no caso das sexualidades não convencionais, existe a suspeita de que as ciências positivistas não estão de acordo com o interesse e autodefinição dos sujeitos, tratando-a como uma

patologia, estigmatizando e procurando a "causa" das sexualidades desviantes e a sua cura (Denzin & Lincoln, 2000).

Para chegarmos aos participantes do nosso estudo usamos um método em cadeia. Como a revisão da literatura nos indicou que a maioria dos sujeitos que pratica BDSM não se identifica dessa forma para a sociedade em geral, a técnica de amostragem por bola de neve revelou-se a mais adequada, pela possibilidade de abarcar populações amplas e heterógenas e pela possibilidade em focar aspetos do fenómeno que outros métodos não atingem (Kemmesis, 2000).

As duas técnicas de recolha de dados utilizadas foram a observação e as entrevistas e o acesso ao meio fez-se pela aproximação aos seus atores por via de fóruns de discussão temática na Internet.

Para este estudo realizamos 13 entrevistas válidas, tendo sido efetuadas sete a participantes do sexo feminino e seis a participantes do sexo masculino. Em relação às características sociodemograficas, os entrevistados têm uma idade compreendida entre os 29 e os 48 anos. Oito residem na Área Metropolitana de Lisboa e cinco residem na Área Metropolitana do Porto. A maioria apresenta formação universitária. Quanto ao estado civil, seis são solteiros, quatro casados ou em união de facto, dois divorciados e um é viúvo. Quanto ao tipo de posições/papéis que os praticantes de BDSM apresentam, no grupo das mulheres, três das entrevistas foram efetuadas a dominadoras, três a submissas e uma a *switcher*. No grupo dos homens, três foram efetuadas a dominadores, uma a submisso e duas a *switchers*[3].

As observações foram realizadas tanto em contexto real, como no espaço virtual. Quanto à observação no espaço virtual, ele refere-se à análise dos debates incluídos nos fóruns da Internet, o que serviu para nos familiarizarmos com o quadro conceptual do meio. Quanto aos contextos naturais, fizemos observação em cinco locais distintos (em casa de um praticante, num restaurante aquando da organização de um jantar de natal, em duas festas temáticas e no Salão Erótico), num total de 23 horas e sempre na condição de

[3] Alguns praticantes definem-se como switchers porque sentem prazer em assumir o papel de "Top"/dominador numa determinada altura e papel de "bottom"/submisso noutra, dependendo das circunstâncias, com quem interagem e do seu estado de espírito.

investigadores para com os sujeitos com os quais interagimos, garantindo o princípio de anonimato e confidencialidade. Consideramos que, nestas observações, o nosso papel deve ser definido como de "membro periférico" e não como observadores participantes, uma vez que observamos e interagimos com os sujeitos, mas não participamos nas atividades que constituem o aspeto central da pertença ao grupo (Adler & Adler, 1998).

Para analisar os dados obtidos, recorremos à análise de conteúdo, pois consideramos que esta técnica nos ajudaria na compreensão e na interpretação dos significados e das perspetivas manifestadas pelos atores (Silva, Gobbi & Simão, 2005) e adotamos a lógica indutiva de construção de categorias a partir dos dados, segundo a tradição da *grounded analysis* de Glaser e Strauss (1967), isto é, a ideia da teoria ser gerada a partir de dados obtidos de forma sistemática na investigação social – dados qualitativos recolhidos em ambientes concretos.

RESULTADOS

Entrar e permanecer no BDSM: os trajetos, as descobertas, as experiências e os fatores para a continuidade

A partir dos dados recolhidos nesta investigação, concluímos que não existe uma trajetória tipo, existe sim, uma diversidade de experiências, de percursos, de momentos e de motivações. A maioria dos participantes relata que descobriu o seu interesse por este tipo de práticas na idade adulta ,entre os 28 e os 45 anos, e dois entrevistados afirmam que o descobriram na sua juventude aos 18/19 anos. Não obstante, em alguns casos, os atores relatam que o interesse já existia previamente à descoberta do significado de BDSM, tendo na altura pensamentos ou brincadeiras associadas a este tipo de comportamentos: "descobri aos 18 anos, mas o primeiro pensamento que se possa considerar BDSM foi por volta dos 7/8 anos e tinha a ver com a dominação de outra pessoa" (A., dominador, 38 anos); C. (dominador, 34anos) também refere as suas experiências na infância: "aos 11/12 os filmes de piratas que incluíam flagelação de alguma forma mexiam comigo e procurava essas cenas em filmes, livros e brincadeira". Nos debates publicados nos fóruns,

também encontramos este tipo de construção de narrativas biográficas, ou seja, a partir do momento em que sabem o que é o BDSM, integram na sua identidade o *ser BDSMer e* as suas vivências passadas passam a ser analisadas a partir do seu interesse no presente, mesmo que, como parece ser o caso da citação apresentada por C., serem semelhantes à da generalidade das pessoas. Segundo Campenhoudt (2003), aquilo que pensamos serem análises objetivas está marcado pelos nossos juízos subjetivos.

A entrada no BDSM também é diferenciada entre os praticantes. Se existem pessoas que se iniciaram por influência do parceiro com quem mantinham um relacionamento íntimo, outras iniciaram-se por intermédio de outros praticantes e também por influência do cinema e/ou da literatura, sobretudo erótica. Todavia, para a maioria dos praticantes de BDSM, a descoberta deste *mundo de pessoas com os mesmos gostos* tem como denominador comum, o aparecimento da Internet. Sem dúvida que, para este grupo de pessoas, a Internet tornou-se um poderoso veículo para a procura de informações – "descobri através da internet o que era o BDSM e passei dois anos em fóruns, chats, a ler, a estudar sobre estas coisas" (B., dominador, 42anos) – e para contactar outras pessoas que se interessam pelas mesmas práticas. Em Portugal, o canal do IRC[4] *#Bondage*, *onde toda a gente internética com estes gostos se encontrava*, teve um importante papel na aglutinação de pessoas com os mesmos interesses, proporcionando que estas conversassem em tempo real e trocassem experiências, dúvidas e aprendizagens sobre o fenómeno. De facto, a Internet oferece a oportunidade para a formação de comunidades virtuais, onde indivíduos isolados e discriminados podem comunicar entre si sobre assuntos sexuais que lhes interessa. Ao terem noção da existência de pessoas "iguais" a si, a sensação de isolamento e de ser "diferente" diminui, aparecendo um sentimento de pertença. Além disso, a Internet abre também um espaço para a realização de fantasias, dando

[4] Internet Relay Chat (IRC) é um protocolo de comunicação utilizado na Internet que permite conversações em tempo real (em grupo ou privadas) e troca de arquivos. Tornou-se o principal chat da Internet no final dos anos 90 e início dos anos 2000, concentrando milhares de usuários todos os dias, que se agrupavam em canais sobre determinada temática. Em Portugal, as primeiras salas de chat de BDSM começam a surgir por volta de 1999.

inclusive a oportunidade para que estas saiam da "virtualidade" e possam ser concretizadas no mundo "real".

As primeiras experiências de alguns praticantes que entrevistamos também começaram no espaço virtual, através de jogos de *roleplaying* de dominação e submissão. No jogo virtual, os participantes afirmam poder "aprender mais sobre BDSM, dominação e submissão*".*

Embora existam alguns casos em que os praticantes não se identificam com as primeiras experiências, para a grande maioria dos praticantes, estas experiências são conotadas como "intensas, positivas e prazerosas". Intimamente relacionadas com a exploração *erótico-sexual*, surgem como uma transição para um "estádio superior" que até a esse momento permanecia escondido, completando o sentimento de pertença e o preenchimento de vazio, "senti que era isto que me faltava para ter uma vida sexual satisfatória…é sentir que o sexo baunilha já não chega e utilizarmos o BDSM como um complemento para aumentar o prazer físico e psicológico*…"* (J., submissa, 48anos). É por considerarem que se trata de uma evolução que os praticantes permanecem. Também continuam porque desenvolvem relações e sentimentos de pertença a um grupo (fator de extrema importância na manutenção de uma imagem identitária), porque vêm benefícios positivos, como a "libertação da tensão acumulada" (I., submissa, 29anos)*,* porque se torna uma importante parte das suas vidas, repleta de inovação, "vontade de ir mais longe e experimentar novas coisas*"* (F., dominadora, 30anos) e promotora de criatividade.

Conceções sobre o BDSM e ser BDSMer

Nas entrevistas que realizamos e nos debates que observamos, encontramos uma multiplicidade de pontos de vista sobre o que é o BDSM e a forma como é vivenciado. Agrupamos essas visões em duas grandes categorias sobre a conceptualização do BDSM, atividade *Vs* identidade: Há os que vêm o BDSM como um *hobbie*, ou seja, que têm uma vida "baunilha" mas gostam de ir a eventos e ter algumas sessões esporadicamente (que podem ou não envolver sexo), outros que o encaram, única e exclusivamente, como uma componente

da atividade sexual (“para mim, BDSM é tudo sexo, é tudo sexual -K., *switcher*, sexo masculino, 35 anos) – e os que negam que o BDSM se foque no sexo ou que tenha como fim o sexo genital – … “eu vivo isto pelo erotismo que tem. Muitas vezes, eu vou para uma sessão e o prazer não é sexual… é um prazer emocional que me dá, é uma satisfação do ego” (E., dominadora, 34 anos) – e, ainda, os que definem BDSM com sendo um “estilo de vida… um complemento de tudo” (B., dominador, 42 anos). A maioria dos praticantes encara o BDSM como englobando ambas as componentes, o que M. (*switcher*, sexo feminino, 43 anos) sintetiza muito bem: “O BDSM é uma maneira de estar na vida com uma forte componente sexual.”

E o *ser BDSMer*? De que forma é que os praticantes descobrem a sua posição de submisso ou dominador, incorporam o seu papel e encaram a posição oposta?

Constatamos que a experimentação de práticas e jogos de papéis aparecem intimamente relacionados com a descoberta e confirmação da posição que a pessoa ocupará (dominador, submisso ou *switcher*). No entanto, a experimentação não é condição *sine qua non* para a descoberta da posição. Existem praticantes que encaram este género de preferências como oriundas de uma fonte instintiva, asseverando que ser-se dominador ou ser-se submisso “faz parte da identidade”. D. e E., ambas dominadoras, dizem ser assim na vida em geral, representando-se como autoritárias e muito exigentes. Portanto, a sua posição é sustentada por uma série de características psicológicas e comportamentais que se mantêm relativamente imutáveis nas diversas esferas onde se movimentam. Para estes praticantes, a identidade apresenta uma propensão para a unicidade e aplicabilidade geral, semelhante em todos os domínios da sua vida e é essa unicidade que promove a congruência entre os diferentes papéis.

Ser dominador/a ou ser submisso/a implica não só comportamentos e atitudes, mas também, aprendizagens teórico-práticas. De um/a dominador/a é esperado que tenha competências técnicas e informações básicas de segurança e compreenda a comunicação em jogo. Já do/a submisso/a, a expectativa é que mantenha e preserve o equilíbrio do poder, aprenda a

conhecer-se e a reconhecer os limites e contribua para o processo de construção de significados (Newmahr, 2010). Tanto os/as submissos/as nas suas autorrepresentações, como os/as dominadores/as nas heterorepresentações salientam a indispensabilidade da capacidade de o/a submisso/a se entregar totalmente ao dominador/a. Esta entrega materializa-se no "respeito ao dominador/a", na "honestidade", na "humildade", no "gostar do que faz e em satisfazer o prazer da pessoa a quem se entrega". Em relação aos dominadores/as, as características mais realçadas, tanto por submissos/as como pelos próprios dominadores/as são a responsabilidade, porque tem a "segurança, bem-estar e vida da outra pessoa nas suas mãos e o respeito pelos procedimentos e pela pessoa que é o/a sub" e pelos seus limites/pela sua "safeword".

Da interpretação que fazemos da forma como os sujeitos autorrepresentam as suas posições e da própria observação que efetuamos, julgamos que a interiorização dos papéis passa por uma assimilação e adaptação das expectativas para cada posição, expectativas essas que vão desde a linguagem e a forma de comportamento até às atitudes e características psicológicas.

Fantasias, simbolismos, práticas e ferramentas do consentimento

As sessões no BDSM são uma fração da realidade delineadas no tempo e no espaço e onde as práticas vivem da teatralidade e das fantasias dos que as praticam, enquanto parte de um ritual.

O código de vestimenta não se afigura para nenhum dos praticantes entrevistados como algo indispensável para a realização de uma sessão. Embora o indiquem, essencialmente, como uma componente estética, a análise dos seus discursos denota que este funciona como estímulo de transição para a execução dos seus papéis, bem como está impregnado de um certo erotismo e sensualidade. Já os instrumentos auxiliam na execução das práticas, mas a sua maior importância relaciona-se com a diversidade de sensações que podem conferir à pessoa, para que o BDSM "não se torne redutor, nem que as sensações e ritualizações se tornem monótomas" (J.,

submissa, 48 anos) e “confiram ambiente ao ato” (C., dominador, 34 anos). A coleira é uma das imagéticas mais associadas ao BDSM, mas o seu significado vai muito para além da componente estética que normalmente lhe está associada. Este é talvez um dos mais valorizados símbolos numa relação BDSM e isso está bem patente na forma como as pessoas entrevistadas falam sobre ela. A coleira é o símbolo formal usado pelo/a submisso/a, representa a submissão, a “restrição de liberdade e é sinal de controlo” (G., submisso, 47 anos), mas é muito mais do que isto, é um “sinal de compromisso” (C., dominador, 34 anos), que “simboliza a entrega” (D., dominadora, 47 anos). Significa, ainda, que se está numa relação: “porque é como uma aliança no dedo, significa que não estamos sozinhos, que há alguém connosco… é um conforto, porque supostamente tenho alguém que me proteja” (H., submissa, 40 anos). Ao verem a coleira como uma aliança, o que os praticantes de BDSM estão a fazer, é transpor os símbolos das relações normativas para o seu relacionamento BDSM. Adiante, retomaremos este ponto de continuidade entre relações normativas e relações BDSM.

Altamente valorizado nos discursos dos entrevistados, aparece a fantasia da dominação, onde estas práticas são normalmente introduzidas. Alguns praticantes negam que a dominação física exista por si só. Consideram que esta somente é possível no BDSM profissional, já que o/a sub paga à dominadora para que ela faça que ele/a quer a nível de práticas. O domínio psicológico é visto como o mais relevante e a dominação física é encarada como resultado da psicológica. Não obstante esta preferência, os sujeitos entrevistados chamam a atenção para algumas regras a serem cumpridas para que esta prática não tenha implicações negativas e para isso salientam alguns princípios que nós designamos por “condutas éticas da dominação” e que podem ser resumidos nos seguintes dois pontos de vista: “ninguém tem o direito de usar ou abusar emocional ou psicologicamente de outrem” (E., dominadora, 34 anos) ou “interferir na vida saudável da outra pessoa” (K., switcher, sexo masculino, 35 anos).

Dum ponto de vista externo, as práticas de BDSM parecem focadas em infligir dor, mas do ponto de vista dos participantes relacionam-se, fundamentalmente,

com a obtenção de prazer, que pode ser erótico e sexual e/ou um prazer psicológico que desperta sentimentos de bem-estar e de autorrealização. A dor, por si só, é um fenómeno muito subjetivo e complexo e para os praticantes de BDSM esta aparece intimamente relacionada com o prazer: "a dor anda de mão dada com o prazer e depois da dor física, ficamos com aquele relaxamento… são o ying e o yang" (H.,submissa, 40 anos); Para M. (switcher, sexo feminino, 43 anos), prazer e dor estão completamente interligados, "a maior parte das pessoas não percebe que a dor e o prazer são a mesma coisa... são como um círculo". Assim, o prazer não substitui a dor, mas antes resulta de uma interpretação da dor ou de uma transformação, como os sujeitos preferem dizer. Portanto, a "dor é erotizada" (L., switcher, sexo masculino, 35 anos), o que conduz à "intensificação das sensações físicas" (G**.,** submisso, 47anos) num determinado contexto erótico. Todavia, para os praticantes de BDSM, as práticas que infligem dor não são vistas como centrais, salientando a sua preferência pela dominação psicológica e advogando que a dor é uma das muitas formas que permite a dominação/submissão e a troca de poder inerente.

As motivações são variadas e vão para além da motivação em provocar dor, alguns praticantes falam de ausência de consciência, do sentimento de perda da noção do tempo ou do mundo em seu redor e não necessariamente de excitação sexual de zonas erógenas, o que demonstra a complexidade da construção do significado do BDSM. Outra motivação para alguns dos sujeitos integrarem as práticas na sua vida, relaciona-se com o "desafiar os próprios limites" (**H**., submissa, 40 anos) e, como tal, as práticas são apreendidas numa evolução por estágios, do nível mais elementar até a um nível mais agressivo e de maior tolerância à dor. A suplantação de determinada barreira, acarreta um sentimento de conquista e crescimento pessoal, mas existem limites. É unânime para todos os praticantes que práticas que ponham em causa a segurança do/a sub, que envolvam crianças, pessoas sem livre arbítrio ou atos feitos contra a vontade de outrem e práticas que provoquem danos permanentes estão completamente excluídas, nem sendo consideradas BDSM.

A literatura indica que os limites são quase sempre determinados antes da sessão, não havendo necessidade de criar uma palavra de segurança dado o nível profundo de conhecimento, confiança e respeito estabelecidos. Encontramos resultados muito semelhantes na nossa investigação. De facto, os limites são estabelecidos antes do início das sessões ou relações BDSM, bem como a "safword", embora os praticantes aleguem que nunca necessitaram de a usar, até porque, todos os dominadores que não são vistos como seguros, não dominem as técnicas nem respeitem as regras, têm dificuldades em obter parceiros para as suas práticas.

Em suma, na prática de BDSM a livre determinação das pessoas e o consentimento são pilares basilares, porque são eles que fazem a distinção entre BDSM e violência. Existem "ferramentas" para assegurar o consentimento e, nesse aspeto, tanto a comunicação como o respeito pelos limites impostos são fundamentais. Determinar onde termina o consensual e onde começa o abuso é uma tarefa delicada que implica experiência de ambas as partes envolvidas no "jogo".

Relacionamentos íntimos no BDSM: a construção das relações BDSM

No mundo do BDSM, os relacionamentos íntimos são complexos, existindo uma multiplicidade de tipos de relacionamentos e sentimentos, desde relacionamentos sem ligação psico-afetiva ou meramente instrumentais (sobretudo no contexto da dominação profissional) a relacionamentos íntimos *BDSMers*, que são estabelecidos com base na afetividade e na empatia mútua e têm caraterísticas transversais a qualquer relacionamento saudável.

A opinião generalizada dos praticantes que entrevistamos é de que existem alguns fatores de suma importância quando se trata de construir um relacionamento BDSM, quer este seja ele exclusivo,24/7[5], ou apenas funcione por sessões. Salientam a confiança e a comunicação como pilares basilares para que ambas as pessoas usufruam da experiência como agradável e prazerosa, bem como, o carinho, o empenho, a química, a seriedade e a

[5] 24/7 é um termo que representa o jogo de D/s (dominação/submissão) e as respetivas relações de servidão, humilhação, dominação e/ou escravidão entre o/a dominador/a e o/a submisso/a a tempo integral, isto é, 24 horas por dia, 7 dias por semana.

honestidade. Assiste-se, portanto, a uma romantização das relações BDSM e mesmo os relacionamentos que funcionam numa base de dominação/submissão são espelho de um relacionamento convencional, havendo, inclusive, uma transposição dos símbolos das relações normativas para a relação BDSM, como por exemplo, o uso da coleira, o símbolo formal usado pelo/a submisso/a, sinal de compromisso e de entrega, tal como o é a aliança. Portanto, serem *BDSMers* não é incompatível com uma relação amorosa autêntica.

Para os praticantes entrevistados que têm um relacionamento amoroso convencional, e ao qual chamam "baunilha", e procuram o BDSM em sessões, as características enunciadas relacionam-se com a empatia mútua na interação, a compatibilidade e a confiança. Mas a importância da lealdade, honestidade e confiança permanecem. Nestes casos, encontramos algumas interferências dos interesses pelo BDSM nas suas relações amorosas, nomeadamente namoros que não resultaram porque os parceiros "baunilha" terminaram a relação quando descobriram que a outra pessoa tinha este tipo de interesses e, ainda, sentimentos de incompletude nas relações exclusivamente "baunilha". Todavia, existem outros entrevistados que alegam que os seus gostos nunca interferiram nos seus relacionamentos íntimos "baunilha" e que é possível vivenciar o BDSM e ter um relacionamento convencional.

Perceções sobre as representações sociais e a ocultação do comportamento BDSMer

Quase todos os atores sociais que entrevistamos pensam que as representações que o exogrupo detém sobre os seus comportamentos e práticas, são negativas. "Se eu fosse contar, iam logo pensar que eu não batia bem da bola!" (M., *switcher*, sexo feminino, 43 anos). Este tipo de exclamações denota o receio em revelar os seus comportamentos porque acham que seriam imediatamente rotulados como "maluquinhos" (F., dominadora, 30 anos), discriminados e mesmo estigmatizados, "nunca me senti estigmatizado porque nunca me expus, se não garantidamente que o seria" (G., submisso, 47 anos).

I. (submissa, 29 anos) contou-nos que vai ao psiquiatra regularmente mas nunca falou das suas práticas porque considera que na comunidade médica, *o BDSM é considerado uma doença para ser atacada*. O caso de **F**. (dominadora, 30 anos) ilustra precisamente essa estigmatização por parte de um profissional de saúde. Por se sentir ansiosa e deprimida procurou um psicólogo mas, "quando lhe expus que praticava BDSM porque estávamos a falar de atividades que me davam prazer realizar, ela disse que eu tinha um problema, que tinha de parar com isso e que íamos fazer psicoterapia…" Constata-se que a comunidade médico-psicológica continua a partilhar dos mesmos preconceitos morais da sociedade, até porque os próprios manuais assim o estipulam e as práticas de cuidados de saúde mental tornam-se inadequadas porque assentam em classificações relativas, ao mesmo tempo que levam os praticantes a esconder as suas preferências sexuais. De facto, o estigma ligado ao BDSM é grande e os mitos e a pressão negativa também (Moser & Madeson, 2000 *cit in* Stiles & Clarck, 2011) e é na dimensão profissional que os sujeitos têm maior receio que os seus gostos sejam descobertos. Num determinado trabalho que B. (dominador, 42 anos) efetua, quando descobriram que "gostava de coisas diferentes", foi ameaçado de despedimento e sofreu pressões para deixar os seus gostos de BDSM – "ponderei abandonar a comunidade e as práticas…deram a entender que era bom abdicar delas". Este exemplo ilustra com clareza como os poderes públicos interferem na esfera privada e limitam o exercício pleno de cidadania no que toca à liberdade individual, comprometendo as suas identidades e práticas.

Assim, optam por gerir o segredo e, portanto, ocultar o seu comportamento *BDSMer*. Consequentemente, de forma a lidar com o estigma, alguns praticantes tentam discriminar a sociedade *mainstream*, o chamado "efeito espelho" (Goffman, 1963), visível, por exemplo, quando chamam de "baunilha" aos não praticantes ou mesmo desafiando e transgredindo as normas convencionais, como por exemplo, passear com a coleira colocada. Brekuhs (1996 *cit in* Plante, 2006) descreve estas situações como uma forma de rejeição comum das normas dominantes para lidar com o estigma. Para Weeks

(1998 *cit in* Langdridge, 2006), o momento transgressivo que desafia as instituições e as tradições que excluem o "outro" sexual impele à criação de novas subjetividades sexuais, não sendo somente um ataque, mas também uma chamada de atenção para o reconhecimento e respeito pelos seus direitos. Aliás, os praticantes que entrevistamos são da opinião que se deve educar a sociedade para a aceitação destes comportamentos, o que passa por explicar o que é o BDSM e por passar a imagem de que este não é sinónimo de violência.

É de notar, que a ocultação também pode servir uma função positiva pois quando se esconde um segredo de um certo grupo, mas esse segredo é partilhado pelos outros envolvidos na "atividade secreta", ele tem o efeito de delinear o "ingroup" e o "outgroup" contribuindo para a construção da identidade e coesão grupal.

DISCUSSÃO

No final da investigação, consideramos que obtemos algumas conclusões que permitem diluir alguns dos estereótipos veiculados sobre o BDSM.

Em primeiro lugar, o Bdsm é complexo como qualquer outro comportamento social e interpessoal, claramente variável e individual e culturalmente contextualizado. Os dados obtidos evidenciam que não existe uma trajetória tipo, quer na idade da descoberta do interesse pelas práticas e comportamentos BDSM, quer na forma como os sujeitos entram no BDSM. Existe sim, uma diversidade de experiências, de percursos e motivações. Também encontramos uma multiplicidade de pontos de vista sobre o que é o BDSM e a forma como é vivenciado.

Uma segunda conclusão é a de que o BDSM não se encerra nos equívocos populares sobre extrema dor, danos duradouros e não consensualidade. De fato, para os praticantes, a dor não parece ser um conceito central no BDSM, sendo um dos elementos que potencia o prazer em determinado contexto erótico. A dor por si só não é prazer, intensifica o prazer e pode até nem estar ligada à genitalidade nem à gratificação de um orgasmo. Os praticantes falam de uma *transformação* que consiste na erotização e interpretação da dor. Do

ponto de vista externo, as marcas também parecem resultar de elevadas quantidades de dor, contudo, para os praticantes, estas são vistas como troféus pessoais que recordam até onde se chegou e que se teve prazer na sessão. Nas observações que efetuamos no terreno, apercebemo-nos que estas são encaradas como sinal de orgulho porque a pessoa conseguiu aguentar e chegar a uma nova etapa. Como denominador comum a qualquer prática, quer cause dor física ou não, aparece a consensualidade que é um elemento-chave no BDSM, sendo esta que diferencia o BDSM de crime ou violência doméstica.

Por fim, a terceira grande conclusão prende-se com o entendimento do BDSM como uma fantasia e não como uma parafilia. Uma das palavras-chave para entender o BDSM é fantasia, já que o comportamento *BDSMer* é altamente simbólico e constituído por um mundo figurativo, onde todas as relações têm os seus próprios ritos e rituais. Por outras palavras, o contexto do BDSM é relacional e um praticante só se realiza na relação com o outro. Os praticantes também relatam uma grande multiplicidade de práticas preferidas e experimentadas fornecendo uma visão extremamente positiva e ego-sintônica do seu comportamento sexual. Através da utilização de instrumentos que conferem uma diversidade de sensações, tentam que o BDSM não se torne redutor. Além disso, as motivações que encontramos para estes comportamentos vão desde a obtenção do prazer erótico/sexual até à obtenção de prazer psicológico, estendendo-se a aspetos não sexuais.

CONCLUSÕES

Tanto no passado como no presente, a construção social de “perversão” é baseada no distanciamento relacional entre o comportamento sexual e o coito normal que se estabeleceu como norma. Os conhecimentos obtidos permitiram-nos perceber o *continuum* que existe entre as práticas sexuais *mainstream* e as de BDSM, ou seja, que são muitas mais as continuidades entre “desviantes” e “não desviantes” do que as diferenças (Matza, 1969). Tal só foi possível porque decidimos escutar, observar e interagir com os

praticantes de BDSM e porque abordamos a *pluridimensionalidade* do fenómeno.

Não obstante estarmos impedidos de fazer generalizações dos nossos resultados, devido às características metodológicas deste estudo, julgamos que esta investigação poderá ter algumas implicações, pela oportunidade de desocultar um fenómeno que a ciência tem subvalorizado em Portugal e pela possibilidade de conhecer o terreno, facilitando novas incursões investigativas. Em segundo lugar, ao privilegiarmos a perspetiva das pessoas envolvidas, percebemos que o BDSM é um fenómeno complexo como qualquer outro comportamento interpessoal e que não se encerra nos equívocos populares sobre quantidades extremas de dor, danos duradouros e não consensualidade. Pensar as práticas de BDSM é entender que o comportamento, o prazer e o desejo podem ser deslocados da genitalidade, criando novas possibilidades de satisfação erótico-sexual (Foucault, 1984). Acresce uma terceira implicação que contribui para uma visão ampliada das sexualidades, alertando-nos para a necessidade de desafiar o sistema de crenças morais e também o discurso social dominante *heteronormativo* do sexo, sexualidade e cidadania sexual através da desconstrução dos binónimos homem/mulher, hétero/homo, o que pressupõe o reconhecimento da sexualidade, do sexo e da cidadania sexual como algo fluido (Langdridge, 2006).

Uma vez que os significados sexuais, as identidades e as categorias sexuais são negociadas intersubjectivamente como produto social e histórico (Epstein, 1995 *cit in* Denzin & Lincoln, 2000), defendemos que a sexualidade normativa é cultural e historicamente construída. Por isso, é um desafio para os investigadores e profissionais de saúde tomarem consciência das suas atuais suposições sobre o BDSM, compreendendo que a visão do BDSM como “parafilia”, não contribui para uma expressão saudável deste comportamento e também não reconhece a subjetividade das experiências de cada um. Ora, numa cultura em que a patologia é estigmatizada, este rótulo pode resultar em que comportamentos não patológicos sejam alvo de estigmatização social e legal, e por outro lado, a necessidade de ocultar este comportamento poderá gerar angústia e insatisfação com as atividades de BDSM. E, ainda, a

estigmatização e marginalização dos comportamentos sexuais minoritários é também uma forma de os invisibilizar e de lhes retirar poder. Importa pois, educar sobre a filosofia do BDSM (São, Seguro e Consensual) e separar comportamentos sexuais de crime e de doenças mentais. De facto, a consensualidade entre adultos garante a distinção entre BDSM e crime e as investigações, como já o referimos, têm vindo a demonstrar a sanidade dos que têm este tipo de práticas. Igualmente, os terapeutas devem descartar o paradigma da patologia e adotar novos modelos e práticas que sejam sensíveis à diversidade sexual, cultural e individual, uma vez que a escolha pelo comportamento *BDSMer*, enquanto consensual e entre adultos, é manifesto de um princípio básico de autonomia sexual e autodeterminação, direitos fundamentais na área da sexualidade e que seguem os direitos humanos universais baseados na liberdade, dignidade e igualdade para todos (World Association for Sexology, 2008).

Uma sociedade que nega direitos e exclui, não garante a cidadania nem assegura a diversidade sexual. E uma sociedade sem diversidade sexual, incluindo a sexualidade dos praticantes de BDSM é uma sociedade, em que os seus sujeitos se uniformizaram por via do biopoder próprio dos discursos medico-religiosos que controlam o exercício autónomo da sexualidade dos indívudos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADLER, Patricia & ADLER, Peter. 1998. "Observational techniques". *In* DENZIN, N. & LINCOLN, Y. (Eds.) Collecting and interpreting qualitative materials. Thousand Oaks: Sage Publications.

APA (2000). Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders.4ª ed. – texto revisto. Washington: American Psychiatric Association. 866p.

BARKER, Megan. 2007. "Turning the world upside down: Developing a tool for training about SM". *In:* LANGDRIDGE, D. & BARKER, M. (eds.) Safe, sane and consensual: contemporary perspectives on sadomasochism. Basingstoke: Palgrave Macmillan. 256p.

BARKER, Megan & LANGDRIDGE, Darren.2009. “Silencing accounts of silenced sexualities”. *In*: RYAN-FLOOD, R. & GILL, R. (eds.) Secrecy and Silence in the Research Process: Feminist Reflections. Transformations. Abingdon, Uk: Routledge. 311p.

BAUMEISTER, Roy .1988. “Masochism as escape from self”. The Journal of Sex Research (February, 1988) Vol.25, no1, p.21-59.

CAMPENHOUDT, Luc Van. 2003. Introdução à análise dos fenómenos sociais. Lisboa: Gradiva. 316p.

CROSS, Patricia. & MATHESON, Kim. 2006. “Understanding sadomasochism: an empirical examination of four perspectives”. *In* KLEINPLATZ, P.J. & MOSER, C. (Eds.) Sadomasochism: powerful pleasures. New York: Harrington Park Press. 369p.

DANCER, Peter; KLEINPLATZ, Peggy. & MOSER, Charles. 2006. “27/7 Sm Slavery”. Journal of Homossexuality. Vol.50, p.81-102.

DENZIN, Norman. & LINCOLN, Yvonna. 2000. Handbook of qualitative research (2ª ed.) London: Sage Publication. 1143p.

ERNULF, Kurt & INNALA, Sune.1995. “Sexual bondage: a review and unobtrusive investigation”. Archieves of Sexual Behaviour (December, 1995). Vol.6, no24, p.631-654.

FERNANDES, Luis. 1989. “Estratégia qualitativa de investigação do uso de drogas e da toxicodependência”. Análise Psicológica, Vol.*1-2-3, noVIII*,p. 329-228.

FOUCAULT, Michael.1984. An interview: sex, power and the politics of identity; entrevista com B. Gallagher e A. Wilson, Toronto, junho de 1982; The Advocate, 400, p26-30.

FREEMAN, Elizabeth. 2008. “Turn the beat around: sadomasochism, temporality, history.” A Journal of Feminist Cultural Studies, Vol.19, no1, p.32-70.

GARROT, R. 2008. The effects of psychoterapists’ values in their work with clients who practice consensual sexual sadomasochism. Unite Sates: Massachusetts School of Professional Psychology.

GLASER, Barney & STRAUSS, Anselm. 1967. The Discovery of Grounded Theory: Strategies for Qualitative Research. Chicago: Aldine Transaction. 271p.

GOFFMAN, Erving. 1963. Stigma. Notes on the management of spoiled identity. New York: Prentice Hall. 147p.

HAYMORE, C. 2002. Sadomasochism: The pleasure of pain [versão online]Undergraduate Journal of Psychology, 15. Disponível em: http://66.199.228.237/boundary/hematomania/Haymore.htm [Data de acesso: 10/06/2011]

KEMMESIES, Uwe .2000. “How to reach the unknown: the snowball sampling technique”. *In* GREENWOOD. G. and ROBERTSON K. (Eds.) Understanding and responding to drug use: the role of qualitative research. EMCDDA Scientific monograph series nº 4.

KEENAN, Jilian. 2013. “We’are Kinky, not crazy. Including “paraphilic disorders” in the DSM V is redundant, unscientific, and stigmatizing”. Slate.
Disponível em:
http://www.slate.com/articles/health_and_science/medical_examiner/2013/03/sexual_kinks_in_the_dsm_v_paraphilic_disorders_describe_unhappy_kinksters.single.html [Data de acesso: 15/04/2013]

LANGDRIDGE, Darren. 2006. “Voices from the margins: Sadomasochism and sexual citizenship”. Citizenship Studies (September, 2006). Vol.10, no4, p.373-389.

LANGDRIDGE, Darren & BUTT, Trevor. 2005. “The erotic construction of power exchange”. Journal of Constructivist Psychology, Vol.18, p.65-73.

MATZA, David. 1949. Becoming deviant. Englewood Cliffs: Prentice- Hall. 204p.

NEWMAHR, Staci. 2010. “Rethinking Kink: sadomasochism as serious leisure”. Qual social (June, 2010), Vol.3, p.313-331.

NICHOLS, Margaret. 2006. “Psychotherapeutic issues with “kinky” clients”. Journal of Homossexuality, Vol.50, no2, p.281-300.

NOBRE, Pedro. 2006. Disfunções Sexuais. Teoria, Investigação e Tratamento*. Lisboa*: Climepsi Editores, 251p.

OLIVEIRA, A. 2002. *Da prostituição ao trabalho sexual: atrizes, práticas e contexto.* Porto: FPCEUP, 266p.

OLIVEIRA, A. 2008. *O mundo da prostituição de rua: trajetórias, discursos e práticas. Um estudo etnográfico.* Porto: FPCEUP, 426p.

OLIVEIRA, 2011. "Uma visão crítica sobre a patologização do BDSM (ou BDSM e DSM, a diferença é maior do que uma letra)". [versão online]. Disponível em: http://www.consensual.org.pt/joomla/index.php?option=com_content&view=article&id=34:uma-visao-critica-sobre-a-patologizacao-do-bdsm-ou-bdsm-e-dsm-a-diferenca-e-maior-do-que-uma-letra-&catid=12:enquadramento-psiquiatrico&Itemid=29 [Data de acesso:15/04/2013]

PLANTE, Rebecca. 2006. "Sexual spanking, the self and the construction of deviance". *Journal of Homossexuality*, Vol.50, no2, p.59-79.

RYE, B.J. & MEANEY, Gleen. 2007. "The pursuit of sexual pleasure" (December, 2007). Sexuality & Culture, Vol.11, no1, p.28-51.

SPENGLER, Andreas.1977. "Manifest sadomasochism of males: results of an empirical study". Archieves of Sexual Behavior, Vol.6, p.441-456.

SILVA, Cristiane, GOBBI, Beatriz & Simão, Ana. 2005." O uso da análise de conteúdo como ferramenta para a pesquisa qualitativa: descrição e aplicação do método." Organizações Rurais e Agroind., Vol.7, no1,p.70-8.1.

STILES, Beverly & CLARCK, Robert. 2011. "BDSM: a subcultural analysis of sacrífices and delights". Deviant Behaviour (February, 2011). Vol.32, no2, p.158-169.

STOLLER, Robert .1991. "Pain and passion: A psychoanalyst explores the world of S&M". New York: Plenum Press. 306p.

TONELI, Maria. 2008. "Diversidade sexual humana: Notas para a discussão no âmbito da Psicologia e dos direitos humanos". Psic. Clin., Vol.20, no2,p.61-73.

World Association for Sexology. (2008*). Universal Declaration of Sexual Rights*. Disponível em: http://www.tc.umn.edu/~colem001/was/wdeclara.htm [Data de acesso: 15/04/2013]

WEINBERG, Thomas. 1987. "Sadomasochism in the United States: A review of recent sociological literature". The Journal of Sex Research, Vol.23*, no*1,p.50-69.